

Bush tentará convencer credores

Washington — A nova estratégia norte-americana para a redução da dívida dos países da América Latina, divulgada ontem exigirá árduas negociações do Governo do presidente George Bush, tanto dentro do país como com os grandes poderes financeiros do mundo.

O subsecretário do Tesouro para Assuntos Internacionais, David C. Mulford, disse ao revelar detalhes que "esperamos poder ter a nova estratégia em marcha em dois meses".

O secretário do Tesouro Nicholas A. Brady, havia adiantado a disposição de abandonar alguns dos aspectos fundamentais do Plano Baker depois dos violentos distúrbios que custaram mais de 300 vidas devido às medidas de austeridade que requeriam.

Brady, em troca, deu ênfase ao conceito que os críticos do atual secretário de Estado, James Baker, exigiu há algum tempo: a necessidade de uma ampla redução dos 401 bilhões de dólares que devem no papel os países da região.

Os funcionários norte-americanos são cuidadosos entretanto em continuar chamado a velha iniciativa de "o Plano Baker" que é a nova "a estratégia Brady".

O jornal The Post Washington Post disse ontem editorialmente que o Departamento do tesouro está trabalhando sobre a hipótese de uma redução de até 30 por cento da dívida no curso dos próximos anos.

Isso significaria 130 bilhões de dólares sobre o total da dívida regional ou 34 bilhões para o Brasil, 29 bilhões para o México, 17 bilhões para a Argentina, 9 bilhões 570 milhões para a Venezuela.

A dos outros países que figuram no original Plano Baker baixaria na mesma suposição, para 5 bilhões 730 milhões para o Chile, 4 bilhões 860 milhões para o Peru, 4 bilhões 770 milhões para a Colômbia, 3 bilhões 150 milhões para o Equador e 1 bilhão e 185 milhões para o Uruguai.

Brady disse que os bancos privados norte-americanos, que

têm em suas carteiras a maior parte da dívida latino-americana, poderiam ser induzidos a essas reduções mediante uma maior participação no problema do Banco Mundial (Bird) e do Fundo Monetário Internacional.

O governo de Bush, sabendo das dificuldades que requeriam o pedido de fundos adicionais ao Congresso norte-americano, esteve negociando intensamente o assunto com o Japão.

O ministro das Finanças Nat-suo Murayama, cujo país tem a maior liquidez monetária mundial, disse que "apoiamos firmemente a nova proposição norte-americana".

Internamente o senador democrata Bil Bradley, o mais constante dos críticos do Plano Baker, disse que a estratégia de Bradley é "uma grande mudança de foco", porém expressou reservas diante do uso de fundos públicos para salvar os bancos privados.